

EDITORIAL

A dívida de ser professor no Brasil

Ao mestre, com carinho. Quinze de outubro é uma data exemplar, não apenas por ser o Dia do Professor, mas por ser um dia de celebrar uma profissão tão desvalorizada no país — e que deveria uma das mais importantes. Aquele que educa na escola é o principal percursos da vida acadêmica e profissional. Quantos engenheiros sabem fazer um prédio, uma ponte ou um shopping com cálculos milimétricos? Quantos médicos não podem errar um diagnóstico? Quantos geógrafos precisam dar cartografia certa? Quantas profissões não dependem de um pedagogo ensinando? Até mesmo as do ciclo básico precisam de bons professores para ensinarem as matérias aos alunos...

“Ser professor é uma tarefa árdua”, muitos dizem. Mas quantos fazem isso por prazer e por orgulho de se formarem em pedagogia ou em história, geografia, letras, educação física, matemática, química...Essa profissão é uma das mais exemplares, mas seu olhar ainda é apequenado, principalmente financeiramente.

Há centros universitários onde o curso com notas menores no ENEM para se matricular é pedagogia. Ou seja, se desde a criação estamos brotando professores ruins ou semianalfabe-

tos, os alunos seguirão o mesmo exemplo. Ela deveria ser a nota maior, perto dos 1000, pois, quem domina a língua portuguesa é quem deveria apssá-la com afincio e destreza.

A carreira pode não ser uma das melhores, pelo desgaste de ter 20 ou 30 pessoas de diferentes culturas e modos educacionais em sala, mas é cativante ver como uma pessoa, sendo o maestro da orquestra, consegue afinar os instrumentos e transformar tudo numa linda melodia, mesmo tendo alguns querendo ser desafinados ou procurando ser superiores aos outros.

O professor no Brasil deveria ser visto como alguém cujos filhos poderiam tratar com mais respeito. Afinal, muitos dependem dele para passar de ano e aprender as facetas do vestibular. E na faculdade, ser o mentor da carreira que escolheu, com o título do apelido que deram: Mestre, de mestrado; e Doutor, de doutorado.

Ser professor não é apenas uma dívida, mas um prazer em transmitir e colher ideias e pensamentos, para serm discutidos e passados de geração em geração, para os cidadãos dissenir o certo do errado e discutir ideias e proposições, para se chegar a um ponto comum e estabelecer o melhor para o futuro da população.

O Gama não foi ver a seleção

O Gama, com sua tradição e amor pelo futebol, experimentou um silêncio desconcertante durante a visita da Seleção Brasileira no último domingo (13/10). O treino, realizado no Estádio Bezerão, foi a portas fechadas. Porém, o que mais chamou atenção não foi o mistério em relação ao que pode ter acontecido em campo. O que roubou a cena foi a quantidade irrisória - se compararmos a visitas anteriores da seleção - do lado de fora do estádio. Onde estavam os torcedores?

A ausência escancarou uma realidade que vem se desenhando nas últimas semanas: o brasileiro está, no mínimo, desiludido com a seleção atual.

Em tempos passados, a mera presença do time do Brasil no Gama era motivo de celebração. A cidade parava, e a expectativa tomava conta das ruas. As calçadas eram tomadas por moradores e fãs que, ansiosos, aguardavam a passagem dos jogadores. Era um evento que gerava conversas e sonhos, unindo a comunidade em torno do amor pelo esporte.

Não é difícil entender a razão do desinteresse agora. Depois de uma série de derrotas nas Eliminatórias, incluindo o revés contra o Paraguai por 1 a 0, fica evidente que o prestígio da equipe comandada por Dorival Júnior está em queda livre. O desinteresse dos torcedores no Gama reflete uma frustração coletiva que vai além dos resultados em campo. A má fase da equipe, somada à falta de brilho em suas atuações, alimenta a sensação de que a seleção perdeu a conexão com o povo que, outrora, vibrava a cada jogo, mesmo em treinos abertos como esse.

Casagrande, conhecido por suas opiniões contundentes, já havia advertido: “É cansativo demais assistir a esse time de Dorival

Júnior.” Suas palavras, publicadas após a derrota para o Paraguai, ecoam um sentimento que parece ter se espalhado pela nação. A crítica do ex-jogador vai direto ao ponto: a equipe está sem alma, jogando um futebol “desprezível”. Galvão Bueno, um dos maiores narradores da história do futebol brasileiro, também não poupou críticas. Após a eliminação para o Uruguai na Copa América, foi taxativo ao afirmar que este é o “pior Brasil da história”. Se até mesmo nomes históricos do futebol nacional manifestam essa descrença, como não esperar que o torcedor comum também se afaste?

A ausência no treino, portanto, não surpreende. É um sintoma de uma torcida que se sente distante de uma seleção que, no momento, parece mais uma caricatura do que um time temido mundialmente. A falta de empatia com os jogadores atuais, muitos deles vistos como peças fora de lugar, só aumenta esse abismo. Quando Galvão diz que “não há mais prazer em torcer por esse bando em campo”, ele não fala apenas de sua frustração pessoal, mas da frustração de uma geração inteira de torcedores que, há muito, não sentem mais orgulho da camisa verde-e-amarela.

Os números também não ajudam. O retrospecto da Seleção nas atuais Eliminatórias é o pior de sua história. Após nove rodadas, o Brasil ocupa apenas a quarta colocação, com 13 pontos, muito longe dos tempos em que liderava com folga. Para efeito de comparação, na classificatória para a Copa de 2022, o Brasil já tinha somado 22 pontos nessa mesma fase da competição. A queda de desempenho não é apenas técnica, mas emocional. Parece que falta vontade, falta garra, falta identidade.

Vicente Loureiro*

A gangorra das evidências

Recorro ao princípio da física, transformado em brinquedo infantil presente em todo playground que se preze, para destacar um fenômeno demográfico e urbanístico acentuado neste século, mas com início nas décadas finais do anterior. Forço um pouco a barra, pois a gangorra decorrente desse fenômeno tende, pelo menos nos próximos anos, a não ter alternância de movimentos para baixo e para cima. Se fosse realmente como na brincadeira de verdade, essa gangorra, de evidências estatísticas, seria pouco atraente.

Feita a ressalva, vamos aos números. Entre os censos de 2000 e 2022, a população da Região Metropolitana do Rio cresceu cerca de 7%. Ganhou aproximadamente 1 milhão de novos habitantes na primeira década, mas perdeu perto de 200 mil na seguinte. Quer di-

zer, o lado da gangorra onde estaria sentada a demografia vinha subindo, mas começou a descer. E, pelo visto, parece que vai continuar caindo.

Apesar de tendências nem sempre se tornarem destino, no caso da população metropolitana, o “pra baixo todo santo ajuda” vem contribuindo para esse lado da gangorra seguir descendo. Do outro lado, que não para de subir, estão os domicílios, contados também nos dois recenseamentos. Grosso modo, podemos dizer que, para cada 3 domicílios existentes em 2000, surgiram outros 2 novos em 2022. Ou seja, onde existiam 3,3 milhões de domicílios, surgiram mais 2,2 milhões.

Na gangorra de verdade, costuma-se praticar a correlação entre forças em oposição, quase sempre guardando alguma proporcionalidade. Na que

está acontecendo na Região Metropolitana do Rio, há razões e causas comuns, seja no envelhecimento da população, seja no crescimento do parque imobiliário que a abriga. A redução da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida, entre outros fatores comportamentais, vêm empurrando o número de habitantes para baixo, ao mesmo tempo em que catapultam para cima a quantidade de domicílios. Porém, de forma desproporcional.

A metrópole vem, neste século, crescendo fisicamente em número de domicílios e começa a apresentar, em algumas de suas cidades, a redução de habitantes. O que agrava esse movimento desequilibrado da gangorra é o fato de parte considerável desses novos domicílios estar sendo produzida em setores informais e em con-

dições precarizadas, tornando ainda mais difíceis os desafios e passivos urbanísticos já presentes em seu território.

Conduzir o desenvolvimento imobiliário da região para áreas onde se dispõe de infraestrutura, principalmente de mobilidade e saneamento, exige uma governança compartilhada sobre esse processo de expansão descontrolada e socialmente perversa. Caso contrário, as cidades ficarão ainda piores para se viver, como temos visto a cada censo.

O dramático é que as evidências estatísticas não sensibilizam tanto quanto aquelas da canção sertaneja. Infelizmente.

*Arquiteto e urbanista. Doutorando pela Universidade de Lisboa. Autor dos livros “Prosa Urbana” e “Tempo de Cidade”

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Washington Olivetto, ícone da publicidade brasileira, morre aos 73 anos

1- INVESTIGAÇÃO SOBRE COMPRA DE CAÇAS. Hoje ministro de Lula, Lewandowski barrou investigação de corrupção na compra dos caças. Meses antes de se aposentar do STF, Lewandowski deu decisão que favoreceu o petista. O Brasil adquiriu 36 caças suecos Gripen, em negociação bilionária sob investigação dos EUA. Por Rodrigo Vilela. Enquanto avançam nos Estados Unidos as investigações que apuram suspeitas de corrupção na compra de 36 caças suecos Gripen pelo governo brasileiro, por aqui o processo não avançou por decisão de Ricardo Lewandowski, então ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) quando decidiu arquivar o caso. A compra custou R\$ 5,4 bilhões para renovar a frota de caças da Força Aérea Brasileira (FAB). A subsidiária americana da empresa sueca Saab foi intimada a apresentar informações sobre o contrato. Em 2016, Lula foi denunciado pelo Ministério Público Federal (MPF) sob suspeita de tráfico de influência. O presidente petista sempre negou as irregularidades. Em fevereiro de 2023, pouco antes de se aposentar, Lewandowski assinou despacho arquivando o processo. Meses depois, o ministro troca o STF pelo Ministério da Justiça convidado pelo petista para comandar a pasta. (...) (Diário do Poder)

2-WASHINGTON OLIVETTO, ícone da publicidade brasileira, morre aos 73 anos. Escritor estava internado no Hospital Copa Star, no Rio de Janeiro, para tratar uma infecção pulmonar. Ele morreu em decorrência de uma pneumonia domingo (13). Por g1 SP e GloboNews. Morre o maior gênio da publicidade brasileira: Washington Olivetto. Uma

das mentes mais criativas do país, o publicitário e escritor Washington Olivetto morreu domingo (13), aos 73 anos, no Rio de Janeiro. Ele é o criador de personagens como o “Garoto Bombril” e de campanhas como a do primeiro sutiã. Há quatro meses o publicitário estava internado no Hospital Copa Star para tratar uma infecção pulmonar. Segundo a assessoria de Olivetto, ele morreu por volta das 17h15 de pneumonia e choque séptico, que provocou a falência múltipla dos órgãos. A morte foi confirmada pelo hospital. “O Hospital Copa Star lamenta a morte do paciente Washington Olivetto na tarde de domingo (13) e se solidariza com a família e amigos por essa irreparável perda. O hospital também informa que não tem autorização da família para divulgar mais detalhes”, informou a unidade em nota. O escritor deixa a esposa e três filhos — Homero, Antônia e Theo. O corpo será transportado de avião para São Paulo e será velado em uma cerimônia restrita a amigos e familiares. Descendente de italianos, Olivetto nasceu em setembro de 1951 na capital paulista, onde foi criado pela mãe, uma dona de casa, e o pai, vendedor de tintas. Aos 17 anos, entrou para o curso de publicidade da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). No ano seguinte, iniciou sua trajetória profissional como redator de uma agência publicitária. Ainda em seu primeiro ano de atuação no mercado, conquistou um dos prêmios mais importantes para os profissionais da área, o Leão de Bronze do Festival de Publicidade de Cannes. No final da década de 70, já experiente no ramo da publicidade, criou o “Garoto Bombril”, personagem clássico da propaganda brasilei-

ra e um de seus maiores feitos. Mais tarde, em 1987, ele lançou outra campanha premiada, que se tornou marca da publicidade da época: a do Primeiro Sutiã, para a Valisère, em que uma adolescente comprava sua primeira peça íntima e que tinha como mote “O primeiro sutiã a gente não esquece”. Em entrevistas, Olivetto sempre disse que esta foi uma campanha “emblemática”. Durante a carreira de sucesso, recebeu diversas estatuetas e homenagens, que foram desde títulos em universidades a menções em músicas de Jorge Ben Jor — “Alô, Alô W/Brasil”, diz o trecho em referência à empresa de Olivetto. (...) (g1)

3-COLETÂNEA DE FRASES DE OLIVETTO. “Um jovem publicitário tem de ter senso de humor e capacidade de rir de si próprio”. Washington Olivetto por ele mesmo: coletânea de frases dos artigos que o publicitário publicou no Globo desde 2021. Washington Olivetto se juntou ao time de colunistas do Globo em 2021. Em crônicas sobre “as coisas da vida, do Brasil e do mundo, sob o ponto de vista de quem mora em Londres”, como ele próprio se apresentou neste espaço, o premiado publicitário usou seu humor e seu olhar arguto para falar sobre diferentes temas. “Se o presidente (Bolsonaro) e a maioria dos ministros gostassem de sorvete, tudo seria melhor” 01/02/2021 (Coluna de estreia no Globo). “Conheço homens e mulheres que têm paletós e vestidos da Comme des Garçons comprados há mais de 30 anos, que se mantêm atuais até hoje”. Coluna publicada em 01/03/2021. “Cariocas e londrinos bebem bastante, tanto em botequins quanto em pubs, chamam os garçons pelo nome e acompanham toda e qualquer

partida de futebol”. Coluna publicada em 20/12/2021. “Londres e Paris, que já foram duas cidades distantes, hoje são praticamente uma coisa só, e as pessoas mais antenadas preferem viajar entre elas de trem a de avião”. Coluna publicada em 06/06/2022. “Com o politicamente correto, xingar está pegando mal pra cacete. Até mesmo nos estádios de futebol, onde os palavrões praticamente faziam parte do espetáculo”. Coluna publicada em 18/07/2022. “A maioria dos bolsonaristas fanáticos é velha de cabeça, e essa é a única velhice verdadeiramente ruim que existe”. Coluna publicada em 07/11/2022. “Nasci no dia 29 de setembro de 1951, mas me tornei corintiano uns nove meses antes disso”. Coluna publicada em 21/11/2022. “Londres tem tudo o que Nova York tem, mas tem também o que Nova York não tem”. Coluna publicada em 10/04/2023. “Rita (Lee) é a rainha de tudo. A mais perfeita tradução de São Paulo e sinônimo de talento, alegria e liberdade, no Brasil e no mundo”. Coluna publicada em 22/05/2023. “Comerciais brilhantes não têm surgido simplesmente porque não têm sido criados nem produzidos”. Coluna publicada em 06/11/2023. “Um jovem publicitário tem de ter senso de humor e capacidade de rir de si próprio”. Coluna publicada em 18/12/2023. “Numa agência de publicidade, a administração do astral é tão importante quanto a administração do caixa”. 17/06/2024 (Última coluna publicada no Globo). (...) (O Globo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: AVIADOR URUGUAIO TENTARÁ QUEBRAR RECORDE DE MILHAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 15 de outubro de 1929 foram: Aviador uruguaio larre Borges tentará quebrar o recorde de

Costes e Bellonte de voo mais longo do mundo. Imprensa londrina continua a publicar os elogios dos lordes ingleses às economias de Brasil e

Argentina. Governo norte-americano acredita que acordo naval com ingleses não passará com facilidade no Senado.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA DEBATE REFORMA DO IMPOSTO DE RENDA

As principais notícias do Correio da Manhã em 15 de outubro de 1949 foram: Julius Moch perto de ser o novo primeiro-ministro da

França. Inglaterra acusa a URSS de violar o tratado de Potsdam. Bielorrússia critica posição do Brasil quanto ao tratado de paz com a Áustria. Bra-

sil e Itália assinarão tratados de Amizade. Comissão de Constituição e Justiça da Câmara debate reforma do imposto de renda.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.